

PROPOSTA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA CONTEXTUALIZADA AO GÊNERO NOTÍCIA

José Gabriel Farias de Brito¹
André Luiz Souza-Silva²
Camila Beatriz Balbino dos Santos³
Marina Alves do Carmo⁴

RESUMO

O percurso histórico da Análise Linguística (AL) baseava-se, há décadas, apenas em aspectos estruturais da gramática normativa, por vezes, distanciando o discente de suas próprias vivências e desconsiderando manifestações linguísticas. Com efeito, os estudos contemporâneos apontam para a necessidade de aplicar novas práticas de AL à ação docente em virtude das novas relações entre os usuários e a língua, as quais são pouco direcionadas pela tradição gramatical. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é apresentar uma proposta pedagógica em torno dos níveis sequencial-composicional, enunciativo, argumentativo e semântico da AL, contextualizados ao gênero textual/discursivo notícia, pois é um objeto de conteúdo atual e de valor social, ocupando, atualmente, um lugar de prestígio nas aulas de língua portuguesa, haja vista o poder da esfera jornalística. Para tanto, cabe evidenciar que dois pressupostos norteadores encaminham a proposição deste texto: i) insere-se no campo teórico, pois visa refletir sobre tópicos e temas específicos da área em questão, assim, tomamos como base teórica os postulados de Geraldi (1984), Mendonça (2006), Marcuschi (2008), Rojo (2012, 2015) e Bezerra & Reinaldo (2020), entre outros, a fim de debater práticas de AL como eixo estruturador do ensino de língua materna, bem como ao que preconiza os PCN (1998) e a BNCC (2017) e ii) trata-se dos propósitos didáticos, pois apresentamos proposições de análise para auxiliar docentes de língua portuguesa no que tange à AL. Logo, tal empreitada se caracteriza metodologicamente a partir de uma natureza qualitativa que apoia-se nas produções bibliográficas supramencionadas e baseia-se em um caráter propositivo, posto que oportuniza a apresentação da proposta pedagógica com suporte em postulados teóricos, acreditando o quão vantajosas podem ser as aulas de língua portuguesa que dão espaço para as discussões em torno da AL, uma vez que acreditamos na relevância de abordar os níveis de AL nas aulas de língua por considerar não somente as pequenas construções gramaticais, mas também as macroestruturas textuais.

Palavras-chave: Análise Linguística, Ensino, Gênero Notícia.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento dos estudos linguísticos e suas concepções de linguagem perpassa pelos diferentes contextos sócio-históricos das multifacetadas instituições sociais. A título de exemplificação, durante o século XIX as investigações sobre a origem das línguas e suas manifestações culturais utilizaram um método comparativo entre as unidades da língua. Os

¹Graduando do curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, gabrielfariasletras@gmail.com.

²Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB/PROLING/CAPES, andreluiz.bans@gmail.com.

³Graduanda em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, camilabeatriz.balbino@gmail.com.

⁴Graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, marinaalves8047@gmail.com.

estudos histórico-comparativos constituíram-se em reconstruir a história das línguas e identificar, a partir de componentes como as raízes, radicais e afixos, sua origem (BASSO, 2014). Posteriormente, em meados do século XX, o estudo da língua, influenciado pelo crescimento das ciências humanas, concebeu duas vertentes importantes para a ciência linguística: o **estruturalismo** e o **gerativismo**. Ambas as ramificações concebiam visões específicas, de um lado o estruturalismo no que diz respeito à forma/estrutura para explicar o sistema linguístico e, por outro lado, o gerativismo para descrever as estruturas a partir da concepção de um sistema inato (Bezerra e Reinaldo, 2020).

Ademais, esse período opulento dos estudos linguísticos resultou em outras áreas como a Pragmática, que surge com um olhar para a intenção do falante na hora de enunciar, ou seja, não importa somente a estrutura, mas a intencionalidade, assim como a Psicolinguística que associa a língua a processos cognitivos. Nesse ínterim, é fato inquestionável que sempre existiu uma simbiose entre os fenômenos sociais e linguísticos, mas só neste século que surge, por exemplo, a Sociolinguística e, próximo a essa área, nasce a Etnolinguística que pretendia aprofundar os estudos da língua e cultura, assim como a Análise do Discurso que trata das ideologias e das relações de poder (Bezerra e Reinaldo, 2020).

Por sua vez, o século XXI não rompeu com as perspectivas teóricas supramencionadas, ampliou-as. Na academia, vem se sedimentando a compreensão que as novas tendências tecnológicas penetraram a relação entre o sujeito e a língua. Nesse sentido, Rojo (2015, p. 116) afirma que os elos sociais se atualizam constantemente, pois “surgem novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender”. O contexto tecnológico, fortemente difundido neste século, evidencia não somente o vocábulo e as construções sintáticas, mas também o texto e o discurso. Evidentemente, tais aspectos adentram à sala de aula e o docente não deve desconsiderá-los.

Posto isto, é importante mencionar que nesse artigo comungamos da concepção de Bezerra & Reinaldo (2020) que certificam que a AL é múltipla, ampla e abrange conhecimentos internos e externos da língua e do meio em que o discente socializa. Assim, alinhando-se à perspectiva das autoras, concebemos a AL como uma proposição analítica que aponta para uma nova concepção de investigação do sistema linguístico em contexto educacional. De acordo com Mendonça (2006), o termo surge com o intuito de promover, por um novo ângulo, o tratamento escolar dos fenômenos gramaticais, textuais e discursivos. Por esse viés, a AL tornou-se, dentro e fora da academia, uma proposição imprescindível e de caráter inter/transdisciplinar.

Logo, em um cenário hipermoderno, a imersão das práticas de AL nos estudos dos discentes é urgente, haja vista a dinamicidade do contato entre o usuário da língua e as várias manifestações da linguagem. Não cabe, portanto, examinar uma charge, por exemplo, apenas apontando as classes gramaticais. À vista disso, a relevância deste artigo é corroborada pela urgência dos docentes de contemplar a vasta produção de textos e de sentidos produzidos pelos sujeitos, uma vez que é inegável sua convivência em meio aos fluxos intensos de comunicação, junto a uma maior participação nos eventos globais por meio das redes sociais.

Nessa direção, o presente artigo tem o objetivo de apresentar uma proposta pedagógica alicerçada nos níveis **sequencial-composicional, enunciativo, argumentativo e semântico** na prática de AL. Para tanto, partindo da perspectiva de Geraldi (1946), abordaremos o texto não mais como produto para identificar aspectos morfossintáticos, mas como unidade e objeto de ensino, explorando o texto em seus mais diferentes níveis. Por isso, será contemplado, aqui, o gênero notícia, tendo em vista sua potencialidade no tocante à interação entre o sujeito e sua exterioridade, bem como seu papel midiático no cotidiano.

Em consulta a plataformas on-line, podemos acessar diferentes trabalhos com o intuito de promover Análises Linguísticas, em 2023 totalizam, aproximadamente, 14, a fim de exemplificar há Fenilli e Costa-hübes (2023) *Ensino de língua portuguesa: ancorando a prática de análise linguística nos estudos bakhtinianos* e Rossi Remenche e Pinheiro da Silveira (2023) *Análise linguística/semiótica no campo jornalístico-midiático: percursos de letramento crítico*. Dentro do recorte de 2023 não foi encontrado nenhum trabalho referente o gênero Notícia, o mais recente é uma produção intitulada *Compreendendo uma forma tecnolinguageira: uma análise linguística da construção e perpetuação de estereótipos raciais no gênero notícia online* de RAGI, SILVA e SOUZA (2022).

A partir do exposto, promover reflexões dos níveis de AL em gêneros jornalísticos é oportuno por possibilitar práticas interacionistas, uma vez que os níveis possibilitam construções de conhecimento por meio da troca de vivências. Para tanto, selecionamos um gênero bastante utilizado em aulas de língua materna, bem como em materiais didáticos, à saber: notícia. O *corpus* de nossa propositura é veiculado em suportes jornalísticos do mundo inteiro, por isso sempre tiveram um lugar de prestígio nas aulas. Ademais, a todo momento são contemplados em documentos norteadores da educação, mas vale ressaltar que a seleção do *corpus* considerou, a priori, o fatídico manuseio desses gêneros nas aulas de língua materna, que por vezes são utilizados apenas como textos meio, ou seja, textos que servem apenas para identificar elementos gramaticais.

METODOLOGIA

Com o escopo de extrair conclusões precisas e eficientes para este trabalho, discutiremos o caminho metodológico percorrido para construir o estudo em questão. À vista disso, optamos por um método que guiasse as reflexões sobre a prática de professores de língua materna no fazer da AL. Entendemos que para chegar em um ponto é preciso determinar o percurso a caminhar, como espera-se de um professor-pesquisador (BORTONI-RICARDO, 2008).

Inicialmente, é pertinente evidenciar que o trabalho científico se inebria de uma atividade indispensável: a pesquisa (Tartuce, 2006 *apud* Gerhardt & Silveira, 2009). Então, selecionamos uma literatura teórica contemporânea para fundamentar as contatações. Assim, o processo de investigação sustenta-se em método bibliográfico que se ancora em Bezerra & Reinaldo (2020), Geraldi (1984), Mendonça (2006), Marcuschi (2008) PCN (1998) e a BNCC (2017), dentre outros. Após a seleção, leitura e fichamento traçou-se um caminho a percorrer.

Desse modo, começa-se as investigações que resultam em uma pesquisa de natureza qualitativa e sua configuração metodológica caracteriza-se como propositiva de caráter descritivo (GIL, 2008). A fim de debater acerca da prática de análise linguística em gêneros do campo jornalístico-midiático. Para tal efeito, foram realizados levantamentos de dados nos textos que compõem o referencial teórico com o intuito de apresentar ideias que sustentaram o desenvolvimento deste artigo.

Uma busca pelas plataformas digitais resultou na seleção do *corpus* desta escrita. Uma notícia atual e local, publicada pelo portal *G1 Paraíba* no início de 2023, que tem a seguinte manchete “MPPB investiga possível crime de racismo cometido por noiva de atleta do Botafogo da Paraíba”. A escolha se deu, principalmente, por ser um assunto próximo da comunidade discente jovem, pois evidencia uma discussão entorno de declarações polêmicas no meio virtual por uma influencer digital noiva de um jogador paraibano famoso, além disso, o texto proporciona uma noção de letramento crítico.

REFERENCIAL TEÓRICO

A cultura normativa dentro das escolas, especialmente como meio mais comum para o ensino de língua materna (LM), não é uma ação contemporânea e advém de inúmeros processos, inclusive políticos e sociais. Esse ensino tradicional de gramática, por vezes, é contemplado como um instrumento de regras que nem sempre está em consonância com a

realidade do aluno, distanciando-os, de certa maneira, de contemplar outras formas de investigar as linguagens. Perante os postulados de Mendonça (2006), o ensino de gramática tradicionalmente funciona como um aglomerado de práticas que se concretizaram no percorrer dos anos e construiu uma espécie de tradição, ou seja, uma visão docente perpetuada por uma noção empirista que enxerga o discente como um sujeito apto a receber informações sistemáticas da sua própria língua, não sendo preciso investigar, problematizar e/ou construir conhecimentos.

Seguindo o pensamento benvenistiano, seres humanos não se desassociam da linguagem oral e/ou escrita, visto que, por fazer parte da sua natureza humana, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (Benveniste, 2005, p. 286). A assunção de tal pensamento no contexto educacional, a partir da possibilidade de que o aluno construa uma representação do que sejam as suas habilidades comunicativas e interacionais, só se efetivará “[...] se as atividades escolares lhe oferecerem uma rica convivência com a diversidade de textos que caracterizam as práticas sociais” (Brasil, 1998, p. 26)

Vale frisar que a AL não é um ensino de gramática inovador, mas um campo que possibilita novas ferramentas em união com outros campos, a exemplo da Linguística Textual, Sociolinguística e Linguística Funcional. Nesse sentido, Márcia Mendonça (2006) destaca, em suas reflexões, sobre a própria nomenclatura da Análise Linguística, afirma não ser pertinente referir-se a essa vertente teórica como “ensino de Análise Linguística”, já que não se trata de delimitar um objeto de ensino, como é possível no ensino de gramática. A AL constitui práticas pedagógicas com ênfase na reflexão acerca dos fenômenos linguísticos e discursivos.

Assim, a partir de um gênero do discurso é possível abordar diferentes aspectos, logo, “[...] o termo análise linguística não foge à regra, ou seja, surgiu para denominar uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema linguísticos e sobre os usos da língua com vistas ao tratamento escolar de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos [...]” (Mendonça, 2006, p. 205). Nesse sentido, a prática consiste em buscar um direcionamento na perspectiva do ensino aprendizagem perpassando por diversos campos teóricos. Consoante Bezerra & Reinaldo (2020), as discussões em torno da AL dentro da academia influenciaram diretamente os documentos parametrizadores do ensino de Língua Portuguesa, como os PCN (1998) e a BNCC (2017). As pesquisas acadêmicas foram extremamente importantes para que os documentos visualizassem um ensino de língua reflexivo e alicerçado nas linguagens.

O surgimento dos *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino de Língua Portuguesa* – PCN (BRASIL, 1998) foi o marco para que os docentes estreiem, nacionalmente, o ensino pautado na língua falada, na leitura, na escrita e na análise linguística, como eixos

estruturantes. Posteriormente, com a aprovação da *Base Nacional Comum Curricular – BNCC* (Brasil, 2017), há uma ampliação nas orientações tendo como base novas pesquisas, provem, portanto, outros objetos de estudo como as semioses. É pertinente destacar que não houve, com a homologação da BNCC, um apagamento do que pautava os PCN, mas um alargamento de possibilidades de investigação e entendimento linguístico frente as linguagens. Logo, os documentos demonstram que ensinar a língua materna não é tratar de assuntos puramente metalinguísticos, mas relacioná-los a inúmeras práticas de linguagem em variados segmentos.

[...] os conhecimentos sobre a língua, sobre as demais semioses e sobre a norma-padrão se articulam aos demais eixos em que se organizam os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de Língua Portuguesa. Dessa forma, as abordagens linguística, metalinguística e reflexiva ocorrem sempre a favor da prática de linguagem que está em evidência nos eixos de leitura, escrita ou oralidade. (Brasil, 2017, p. 137).

Indo ao encontro do que orientam os documentos, é perceptível que não há, ainda, um entendimento claro sobre as práticas de AL, principalmente nos livros didáticos. Esses instrumentos na maioria das instituições são o único recurso que os professores e alunos têm e, em breves análises⁵, fica claro que eles apresentam a AL de forma muito isolada, insuficiente e dentro de uma tendência conservadora. Logo, é urgente explicar esclarecimentos sobre esse campo teórico.

A BNCC (2017) realça que o eixo de análise linguística/semiótica pauta o trabalho não mais voltado para as pequenas estruturas da língua, mas toma o texto como ponto de partida para analisar os mais variados objetos linguísticos:

O Eixo da Análise Linguística/Semiótica envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido. (Brasil, 2017, p. 80)

Veiculado ao que consta nos documentos, o arcabouço teórico apresenta alguns caminhos a serem tomados como rota para a efetivação, dentro do chão escolar, do exercício investigativo da língua pelos sujeitos. Assim entendido, Bezerra & Reinaldo (2020), motivadas pelas considerações de Franchi⁶, apresentam três ações que se entrecruzam nas materializações

⁵ No livro das autoras Bezerra e Reinaldo (2020) há um capítulo referente aos livros didáticos. Intitulado *Propostas de análise linguística presentes em livro didático de língua portuguesa*, o capítulo explana as tendências presentes em alguns materiais, especificamente do ensino fundamental anos finais, coletados entre os anos de 2000 até 2019.

⁶ Na década de 1980 a prática de AL foi introduzida no meio acadêmico a partir das considerações de Franchi a respeito da historicidade da língua e os trabalhos linguísticos. Na visão do autor, a historicidade é o processo de

discursivas: ações realizadas pelos sujeitos com a linguagem, ações que realizam sobre a linguagem e ações de linguagem expostas pelo sistema de referência dos indivíduos.

Junto a essas ações, erguem-se as atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, que podem efetuar-se nas diferentes ações apresentadas. A primeira constitui-se nos processos interacionais e no movimento discursivo; a segunda também está presente nos modos interacionais e resulta dos próprios recursos expressivos da língua, reflexões pelos interlocutores durante a apreciação temática; já no que tange à terceira, os sujeitos tomam os recursos estruturais da linguagem como objeto de investigação de maneira sistemática, sendo em si e por si. Aplicando esses três tipos de atividades à discussão sobre o ensino da relação entre criatividade e gramática, Franchi (1987 *apud* Bezerra & Reinaldo, 2020) vê a atividade linguística como o exercício pleno da própria linguagem por estar presente no cotidiano comunicativo da família e da comunidade do aluno, a prática dessa atividade na escola, em interações diversificadas, conduz o discente a ampliar os recursos expressivos da fala e da escrita e a operar sobre sua própria linguagem.

Nesse contexto teórico, as atividades epilinguísticas ficam em destaque e a descrição das marcas linguísticas devem partir do texto, contemplando os sentidos manifestados nos determinados contextos e o uso das diferentes formas, além de mapear aspectos composicionais e argumentativos. Assim, os eixos estruturantes do ensino de língua passam a coexistir, ou seja, funcionar de maneira multissistêmica e dinâmica. Diante os postulados de Geraldi (1984), a simbiose entre a AL e os gêneros textuais se aproxima uma vez que o texto passa a ser considerado como uma ferramenta ampla e farta de fenômenos linguísticos. Com isso, o sujeito passa por processos, desde da leitura e compreensão comunicativa do gênero, da materialização discursiva, da reflexão epilinguística do produtor e da categorização/descrição das unidades linguísticas. Por esse viés, os estudos contemporâneos apresentam confluências entre a Linguística Textual, as teorias dos gêneros e a AL, já que há uma necessidade visível de articular e explorar domínios discursivos da oralidade, escuta, escrita e leitura ao manusear unidades sistêmicas da língua.

Marcuschi (2008) problematiza a noção de gênero textual, textualização e/ou produção textual ao frisar que esses elementos transcendem aos ideais estruturalistas e gerativistas pregados por Saussure e Chomsky, respectivamente. Dado que, ao se referir aos gêneros é necessário levar em consideração os aspectos estruturais internos e o funcionamento sob a propagação do discurso. Em síntese, Marcuschi (2008) diz:

compreensão do objeto linguístico a partir do contato com o sujeito, considerando as formações discursivas formadas durante sua história. Logo, essa relação distingue em três tipos de ação.

[...] refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (Marcuschi, 2008, p. 155).

Também por essa óptica, Bakhtin (2013) nos conduz a enxergar que os gêneros fazem parte das manifestações dos sujeitos relacionadas ao uso da língua, materializados em construções enunciativas. Ademais, Bakhtin (2013) assevera que qualquer interação do sujeito, seja ela em representação escrita ou falada, parte de uma língua, por isso a materialização das linguagens é o objeto principal das práticas humanas no contexto sócio-comunicativo-interacional. Nesse sentido, o texto tem uma grande importância no trabalho com a língua e não pode ser visto como um equipamento de apoio nas aulas.

Logo, as aulas de língua precisam ser planejadas a partir do contexto em que o aluno vive e do que irá guiá-lo em termos de conhecimento de sua própria realidade e identidade. A escolha do gênero e do texto tem sua grandiosa importância, por isso Geraldi (1984) enfatiza a urgência de centralizar o texto na investigação linguística, inclusive as produções dos próprios alunos, a fim de construir habilidades ainda não desenvolvidas. Em síntese, uma análise linguística na educação básica deve partir da compreensão de língua por interação, por isso inicia-se a investigação pelo texto para, em conjunto, chegar nas unidades linguísticas. Para tanto, deve imperar, na sala de aula, o paradigma interacionista. No entender de Bronckart (1999) é preciso reconhecer nos gêneros textuais suas condições de uso, sua respectiva pertinência e sua adequação linguística às características do meio social no qual circula. Assim, iremos nos voltar ao estudo analítico do gênero notícia.

Diante da esfera jornalística, o gênero notícia faz-se muito presente no cotidiano dos leitores, pois ter acesso à informação é crucial para a compreensão dos fatos ocorridos na sociedade. Portanto, a notícia restringe-se à cobertura dos acontecimentos que interessam aos grupos sociais, além disso, por não ser um texto neutro, Van Dijk (2004, p. 123) diz que “há condições sociais, culturais e cognitivas sobre tais propriedades organizacionais das mensagens na mídia”. Dessa maneira, sua composição, suas ocorrências linguísticas e discursivas possibilitam ao sujeito percepção das realidades do mundo.

PROPOSTA E DISCUSSÃO

Segundo a perspectiva de Bezerra & Reinaldo (2020), a AL é um campo de caráter teórico e metodológico, assim, essencial para aproximar os estudos desenvolvidos nas academias com as práticas dentro da Educação Básica. É evidente que alguns fatores

contribuem para um afastamento entre esses polos educacionais, como o caráter epistemológico, cultural, social, pedagógico, dentre outros, por isso, é importante encontrar um ponto de intercessão.

Diante todo o exposto, vale propor uma exposição da funcionalidade desse campo na sala de aula. Frisamos que esse trabalho, especificamente essa seção, não deve ser visto como uma receita a ser seguida, pelo contrário, é preciso refletir sobre as proposituras dessa escrita e adaptá-las às realidades. Para tanto, tomaremos como caminho analítico os níveis propostos pela Análise Textual dos Discursos (ATD), a saber: o nível sequencial-composicional, o nível enunciativo, o nível semântico e o nível argumentativo. Para que a compreensão seja mais didática, vamos analisar cada nível de maneira separada, entretanto isso não significa que dentro da sala de aula o professor trabalhe com os níveis separadamente.

Seguindo as proposições de Adam (2011) e em consonância com Bezerra & Reinaldo (2020), que sugerem um trabalho pautado na interação e reflexão dos elementos linguísticos-textuais-discursivos, proceder-se-á uma análise dos constituintes linguísticos da notícia outrora supramencionada. É pertinente mencionar que o professor ao selecionar um texto para fazer a análise deve considerar a relevância social para aquela determinada turma. Dessa forma, para que a Análise Linguística construa sentido, os elementos estruturais, semânticos, enunciativos e argumentativos precisam estar ligados à função social do gênero selecionado.

A notícia escolhida para análise corresponde ao cenário paraibano, envolvendo, sobretudo, uma polêmica afirmação com característica xenofóbica dada por uma catarinense, noiva de um jogador paraibano. Ao observar o nível sequencial-composicional da notícia, faz-se importante destacar a estruturação do gênero. Para Adam (2011) há dois tipos de construção: as **combinações de seqüências**, são elas: coordenadas, inseridas e alternadas; e a **seqüência dominante**, ou seja, narrativa, argumentativa, explicativa, descritiva ou dialogal. A notícia encaixa-se na seqüência explicativa, pois segue a seguinte estrutura: esquematização inicial de um objeto complexo, problema (procura das causas), explicação (resolução).

Inicialmente, o leitor se depara com um texto destacado no topo da notícia: a manchete. Sua principal função é chamar a atenção daqueles que passam pelo site, até porque em meio a um grande fluxo de textos jornalísticos na internet é preciso que a manchete seja chamativa. Nesse momento, o professor pode realçar a importância de uma manchete chamativa e coesa com o que virá adiante. Outra parte fundamental da composição da notícia é a *lead*, que deve conter uma breve informação da notícia, aqui o jornalista precisa de uma enorme habilidade de síntese, já que o período deve ser curto. Começando por esse caminho, talvez o mais lógico, o professor estará apresentando a esquematização inicial do seguinte objeto, por exemplo:

Figura 1 – G1 Paraíba



Fonte: < <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/01/25/mppb-investiga-possivel-crime-de-racismo-cometido-por-esposa-de-atleta-do-botafogo-da-paraiba./>> Acesso em: 06 de nov. 2023.

Por ser uma sequência textual predominantemente expositiva, o problema será apresentado de maneira impessoal, isto é, o redator da notícia não colocará sua voz dentro do texto. O regente da aula, nesse instante, pode conduzir os discentes a perceberem que os parágrafos apresentam apenas a problemática, ou seja, o fato ocorrido, com construções simples. Traz, também, dados, como: fotos, citação de leis e aspas. Outrossim, o corpo da notícia corresponde à explicação detalhada do caso, parte essencial para o entendimento. O trabalho com a frase, o período e o parágrafo darão aos alunos a compreensão da organização sequencial e o poder que essa organização tem referente à coesão.

No tangente ao nível argumentativo, a notícia é um gênero pertinente para o desenvolvimento de habilidades argumentativas. A princípio, os alunos precisam ter o espaço para expor seus argumentos referentes à temática, nessa oportunidade é válido organizar os turnos de fala de cada aluno. Além do mais, a notícia apresenta aspas da promotora de Justiça Liana Carvalho do Núcleo de Gênero, Diversidade e Igualdade Racial (Gedir/MPPB): “A xenofobia, ser o caso como parece, é tratada por lei como racismo e processada como tal. Vamos instaurar procedimento e estudar como será a atribuição, se o caso ficará no MPPB ou se irá para o Ministério Público Federal”. Nessas aspas, a promotora justifica sua investigação, argumentado que o ato da mulher investigada é um crime garantido em lei, outro ponto importante para fazer observações, a cima de tudo em relação a legitimação do discurso sustentada em um documento constitucional.

Quanto ao nível semântico, o texto apresenta algumas estruturas que são importantes para a construção de sentidos, por exemplo, a construção “parece ser” na fala da promotora demonstra uma certa inexactidão, dado que o caso ainda está em investigação e por isso a escolha dessa estrutura composta por um verbo auxiliar + um verbo principal. Bem como, nessa ocasião, o professor deve explorar o nível semântico das classes gramaticais, como, por exemplo,

retomar definições semânticas dos adjetivos, substantivos, verbos e advérbios. Para mais, é um importante momento para explorar os sentidos em torno das palavras “racismo” e “xenofobia”, com a finalidade de abranger o conhecimento de mundo e de cidadania, ligando-os ao contexto da fala da catarinense.

O nível enunciativo, por sua vez, concerne às vozes presentes no texto. Para isso, as marcas linguísticas exprimem a noção da voz enunciativa por meio das marcações desinências dos verbos, índices de pessoas; dêiticos espaciais e temporais, diferentes tipos de discursos, entre outros. (Bezerra & Reinaldo, 2020).

Por mais que a notícia seja um gênero de caráter impessoal, as vozes, por vezes, aparecem. Inclusive, em muitas publicações é possível perceber os aspectos ideológicos que acabam caindo sob todo meio de comunicação propositor. Ao escrever: “*Um dia antes*, Adriana publicou uma série de vídeos curtos em seu perfil no Instagram em que fazia *comentários irônicos* sobre o sotaque, os costumes e o jeito de andar do paraibano”, temos o meio de comunicação, nesse caso o G1, representando, discursivamente, uma negação à fala proferida por Adriana, dado que destaca de maneira indireta o discurso dela. O marcador temporal “um dia antes” localiza o leitor, a partir da voz do enunciador, o momento em que foi proferida a ação e o adjetivo “irônico” demonstra a voz do portal, afirmando que a fala de Adriana foi desnecessária.

Ao mesmo tempo, ao utilizar o adjetivo “possível” junto ao substantivo “crime” isenta o portal de cravar uma sentença sobre o caso, deixando que outras voz apareçam na tentativa de legitimar o caso. Em “*O Ministério Público da Paraíba (MPPB)* decidiu nesta quarta-feira (25) instaurar um procedimento [...]” é uma representação do discurso indireto, marcando a presença de outra voz. Conjuntamente, a fala da promotora de justiça surge no meio da notícia e seu principal objetivo é situar juridicamente o leitor sobre a gravidade da problemática e da averiguação dos fatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, depreendemos que a AL é um instrumental teórico necessário para a construção de conhecimentos linguísticos amparados no saber científico para adentrar à escola. Isto, pois, trata-se de uma área que visa a possibilitar ao aluno um ensino pautado na centralização da materialização discursiva: o texto. Analisando as funcionalidades sequenciais-composicionais, argumentativas, enunciativas e semânticas, não apenas as pequenas estruturas da língua, como se via nas práticas tradicionais. Por essa lógica, nossa proposta faz-se pertinente para a compreensão de uma prática em torno dos conhecimentos linguísticos, textuais e

discursivos. Contudo, é oportuno frisar que outros caminhos podem ser seguidos, uma vez que os docentes não devem visualizar essa proposta, tampouco a prática de ensino, como algo fixo, logo, outros gêneros terão outras maneiras de analisar e as práticas cotidianas demandarão outros gêneros. Precisamente, o professor que seguir sob esse prisma de um ensino reflexivo, como sugerem os teóricos e os documentos oficiais expostos neste artigo, precisa ampliar sua visão a respeito do tratamento que dá aos mecanismos linguísticos.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J-M. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. 2 ed. revista e aumentada. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Pontes, 2005.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística: afinal a que se refere?**. Cortez Editora, 2016.
- BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Editora da PUC-SP, 1999.
- DA SILVA ARAÚJO, Maria José Fernandes; DE LIMA, Edmar Peixoto. **Análise linguística a serviço dos gêneros discursivos no ensino de Língua Portuguesa**. Diálogo das Letras, v. 10, 2021.
- GERALDI, João Wanderley et al. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MENDONÇA, Márcia. **Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto**. In: MENDONÇA, M.; BUNZEN, C. Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 199-225.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.
- RAGI, Taísa Rita; SILVA, Letícia Fernanda Carvalho; DE SOUZA, Gasperim Ramalho. **Compreendendo uma forma tecnolinguageira: uma análise linguística da construção e perpetuação de estereótipos raciais no gênero notícia online**. UniLetras, v. 44, p. 1-17, 2022.
- ROJO, Roxane. **Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola**. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, v. 264, p. 11-31, 2012.
- ROSSI REMENCHE, Maria De Lourdes; PINHEIRO DA SILVEIRA, Ana Paula. **Análise linguística/semiótica no campo jornalístico-midiático: percursos de letramento crítico**. Lingue e Linguaggi, v. 57, p. 205-222, 2023.
- VAN DIJK, Teun Aun. **Estrutura da notícia na imprensa**. In: Cognição, discurso e interação. São Paulo, Contexto, 1999, p. 122-155. |